

## A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM<sup>1</sup>

### *THE IMPORTANCE OF MOTIVATION IN LEARNING*

Ieda Maria Dessotti Conceição<sup>2</sup>

Carmen Rosane S. e Souza<sup>3</sup>

#### RESUMO

Neste estudo, procurou-se referenciar a motivação com o objetivo de refletir sobre sua importância para as aprendizagens, dando especial atenção ao contexto escolar, em que a função da motivação é a de despertar nos alunos o desejo de aprender e a curiosidade que possibilitam novas construções, dando autonomia e segurança ao aprendiz durante o processo ensino-aprendizagem. No decorrer do trabalho, buscou-se mostrar como é o professor/educador que motiva para propiciar as aprendizagens e também demonstrar muitas maneiras de ensinar que ajudam o indivíduo a ser mais espontâneo, criativo e envolvido com entusiasmo no universo escolar. Para o referido estudo, optou-se pela pesquisa bibliográfica, baseando-se em obras de autores que abordam o assunto. Chegou-se à conclusão de que a motivação é de fundamental importância para a aquisição de uma aprendizagem significativa, à medida que impulsiona o indivíduo para ações concretas, ao construir ou modificar comportamentos, tornando viável o atingimento dos objetivos visados.

**Palavras-chave:** motivação, aprendizagem.

#### ABSTRACT

In the present study, it was intended to reference motivation with the aim of reflecting on its importance to the learning process, paying special attention to the school context, in which the function of motivation is to arouse in students the desire for learning and the curiosity which make new constructions possible, giving the learners autonomy and security during the teaching-learning process. In the course of the work, it was sought to show that it is the teacher/ educator who motivates in order to provide the learning, and also to demonstrate that there are many ways of teaching which help the individual to be more spontaneous, creative and enthusiastically involved in

<sup>1</sup> Monografia final do curso Especialização em Psicopedagogia, Abordagem clínica e institucional - UNIFRA.

<sup>2</sup> Psicopedagoga e Psicóloga

<sup>3</sup> Orientadora.

the school universe. The referred study was carried out by means of a bibliographical research based on authors who deal with this subject. The conclusion drawn was that motivation is of fundamental importance to the acquisition of a meaningful learning as it impels the individual to concrete actions by building or modifying behaviors, making it possible to achieve the expected aims.

**Key words:** motivation, learning.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado a partir de uma análise literária voltada ao assunto: A Importância da Motivação na Aprendizagem. Com o objetivo de refletir sobre a importância da motivação para a aprendizagem, particularmente no contexto escolar, de forma a despertar o desejo de aprender e a curiosidade que possibilitam novas construções dando autonomia e segurança às crianças e aos jovens durante o processo educativo.

Durante este estudo, buscar-se-á compreender a motivação e a sua relação com a aprendizagem, com a motivação como uma força motora desse processo. Mostrar como deve ser o professor / educador que estimula e motiva o aluno a aprender, apontar maneiras de ensinar que ajudam o aprendiz ser mais espontâneo, criativo e desejoso de adquirir conhecimentos.

Existem muitas teorias sobre o processo ensino-aprendizagem e numerosos são os trabalhos escritos que tratam desse assunto, os quais consideram que, para o processo desenvolver-se de forma natural, é necessário que diversos fatores sejam considerados.

A motivação, é um dos fatores essenciais que atuam como determinante na aprendizagem, ajudando o aprendiz a criar uma capacidade de participação mais ativa em todo o processo ensino-aprendizagem, pois a noção de motivação está intimamente ligada à aprendizagem. A estimulação e a atividade em si não garantem que a aprendizagem se opere. Para aprender, é necessário estar-se motivado e interessado.

A capacidade de dar respostas eficientes, a qualquer que seja o problema com que o ser humano se depara, está diretamente ligada aos conhecimentos adquiridos por ele em suas aprendizagens, tenham sido eles aprendidos por meio de suas experiências e/ ou transferências ou adquirido por meio do estudo, porém com certeza, pode-se afirmar que são frutos das motivações que o levaram a buscá-los.

Para a elaboração do presente estudo, optou-se pela realização de uma pesquisa bibliográfica, em obras de autores que abordam o assunto,

tais como: KAMOZZI-CHIAROTTINO (1988); CAMPOS (1973); BORUCHOVITCH (2001), entre outros. Considera-se a importância da pesquisa bibliográfica como uma forma de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito sobre determinado assunto.

Segundo Manzo, citado por LAKATOS & MARCONI (1991), a pesquisa bibliográfica é pertinente por oferecer meios para definir e resolver não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas nas quais os problemas não se cristalizaram suficientemente e tem por objetivo permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

Dessa forma, justifica-se a importância da pesquisa sobre o tema proposto por acreditar que a motivação tem uma relação fundamental com o processo ensino-aprendizagem, especialmente, quando se busca uma educação de qualidade.

## MOTIVAÇÃO X APRENDIZAGEM

### APRENDIZAGEM

Inicialmente deve-se falar sobre a aprendizagem. Considerando que existem vários conceitos e teorias que abordam o assunto, selecionaram-se alguns teóricos que escreveram sobre o tema com muita propriedade.

Na vida humana, a aprendizagem se inicia com ou antes do nascimento e se prolonga até a morte. De todos os animais, o homem possui o menor número de reações inatas, fixas e invariáveis. Seu repertório de reações é quase todo constituído de respostas aprendidas.

A aprendizagem é um processo fundamental da vida. Todo o indivíduo aprende e, através da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que lhe possibilitam viver. Todas as realizações e atividades humanas mostram os resultados da aprendizagem. “É pela aprendizagem que o homem se afirma como ser racional, forma sua personalidade e se prepara para o papel que lhe cabe no seio da sociedade” (CAMPOS, 1973, p. 14).

Aprendizagem é o meio que integra e adapta o ser humano em seu ambiente. A aprendizagem leva ao conhecimento, o qual leva ao sucesso, especialmente neste momento em que o capital intelectual adquire maior importância na cadeia de valores.

Conforme Piaget, citado por KAMOZZI-CHIAROTTINO (1988), a aquisição do conhecimento é resultado da interação do indivíduo com seu meio ambiente. Assim, toda a criança que não tenha sofrido nenhuma lesão orgânica pode aprender, quando solicitada pelo seu meio.

Percebe-se que a aprendizagem surge por meio das experiências vivenciadas e das trocas que realiza com seu meio ambiente, as quais são responsáveis pela construção da própria capacidade de conhecer. Sem elas, a capacidade não se constrói. As possibilidades dos seres humanos são as mesmas, sua concretização é que dependerá das solicitações do meio.

Segundo a concepção de Moreira, Ausubel e Masini citados por TIBA (1988), a aprendizagem é um elemento que provém de uma comunicação com o mundo e se acumula sob a forma de uma riqueza de conteúdos cognitivos. É o processo de organização de informações e integração do material pela estrutura cognitiva.

Seguindo as idéias desses autores cognitivistas, a aprendizagem se diferencia em:

Aprendizagem Mecânica - aquela que se refere à aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma associação com conceitos já existentes na estrutura cognitiva.

Aprendizagem significativa - aquela que se processa quando um novo conteúdo (idéia ou informações) relaciona-se com conceitos relevantes, claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo assim assimilado por ela. Estes conceitos disponíveis são os pontos de ancoragem para a aprendizagem.

CAMPOS (1973) refere que a aprendizagem compreende algumas características básicas que serão enunciadas a seguir:

- processo contínuo: desde o início da vida até a morte a aprendizagem acha-se presente;
- processo global: inclui sempre aspectos motores, emocionais e mentais como produtos da aprendizagem;
- processo pessoal: a maneira e o ritmo de aprender variam de indivíduo para indivíduo.
- processo gradativo: cada nova aprendizagem acresce novos elementos à experiência anterior numa série gradativa crescente.
- processo cumulativo: a aprendizagem constitui um processo cumulativo em que a experiência atual aproveita - se das experiências anteriores.

Essas características básicas da aprendizagem mostram que o ser humano nasce com uma base orgânica pronta, mas que depende de um meio rico de possibilidades para que, cada um, dentro de seu próprio tempo e ritmo, desenvolva-se, avance e integre suas experiências às novas e aperfeiçoe-se durante toda a sua vida.

## MOTIVAÇÃO

A motivação desempenha um papel preponderante na vida humana. É por ela que o homem vence a inércia, a apatia, e vivencia experiências novas

e conquista o êxito. Os motivos estão presentes em todas as situações da vida. O fato de a pessoa estar viva já é um motivo. Ela tem que lutar pela sobrevivência.

A motivação é um constructo cujo significado depende do enfoque que a ele for empregado, mas de modo geral, pode-se pensá-lo como ação, interna ou externa, que movimenta o organismo, o ser, a libido, em direção a um objeto, ao objetivo. Pode-se entendê-la também como o conjunto de fatores que despertam, sustentam e/ou dirigem o comportamento, Shaffer, citado por DORIN (1981).

Então, se todas as ações têm por trás de si um motivo que os justifica, sejam esses intrínsecos ou extrínsecos, isto é, relacionados ao desejo íntimo, ao prazer, com uma atitude que é assumida em relação ao objeto de motivação, ou relacionando a uma recompensa, ou incentivo de outrem, com alvos externos, pode-se inferir que o ato de ensinar a aprender também depende, necessariamente, da motivação para produzir resultados satisfatórios na construção ou modificação de comportamento.

De acordo com MAGER (1979), as habilidades naturais de uma pessoa são, primeiramente, influenciadas pelo ambiente que a cerca. Essas tendências são modeladas pelas atitudes das pessoas que ela encontra, por objetos, experiências e pelas conseqüências de suas próprias ações.

Dessa afirmação pode-se inferir que é possível motivar todas as crianças e jovens desde que exista motivação no educador e um senso de compromisso e envolvimento pessoal com a educação e, principalmente, de um entusiasmo e até de uma paixão pelo seu papel, pois a sensibilidade do educando possibilita-lhe a envolver-se e interagir no ambiente proporcionado pela pessoa que o cerca.

BROPHY (1987) refere que a motivação do estudante para aprender é uma competência adquirida e desenvolvida por meio de sua experiência geral, mas estimulada mais diretamente por meio da modelação, comunicação de expectativas e instrução direta ou socialização por pessoas que são significantes para o estudante, particularmente, os pais e professores.

Para ter alunos motivados para as aprendizagens, é preciso, além de criar um clima emocional positivo em classe, ter sempre presente que os alunos precisam ser motivados para tarefas significativas, desafiadoras, mesmo que sejam árduas, exigentes sob cobrança externa.

Por isso antes de mais nada, BORUCHOVITCH & BZUNECK (2001) dizem que é preciso que o professor conheça os mecanismos psicológicos ligados à motivação do aluno. E para se ter êxito na tarefa de motivar adequadamente sua classe, todo o professor deve dominar uma grande variedade de técnicas e saber como usá-las com flexibilidade e criatividade. A com-

plexidade e o caráter imprevisível das situações em sala de aula tornam insuficientes quaisquer receitas prontas. O professor também precisa não somente remediar, mas principalmente, prevenir a ocorrência de condições negativas como o tédio crônico, a apatia ou a alta ansiedade e mais do que tudo, desenvolver a motivação positiva da classe como um todo, série após série.

Em relação ao papel do professor/educador, diante da questão da motivação, é imprescindível pensá-lo dentro de um contexto mais amplo de escola e sociedade, como integrante de um meio envolvido por inúmeras variantes, desde as afetivas suas e de seus alunos e/ou pares, até as condições socioeconômicas e políticas por que passa e também, as resistências encontradas, condições de trabalho nem sempre favoráveis, quer do ponto de vista material e psicológico quer do pedagógico.

A motivação positiva, ou para aprender do aluno, resulta de um conjunto de medidas educacionais, que são certas estratégias de ensino ou eventos sobre os quais todo o professor tem amplo poder.

### **A MOTIVAÇÃO E A SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM.**

A arte de ensinar é, antes de tudo, a arte de interessar os alunos a assimilar os assuntos. Hoje existe uma gama muito grande de teorias que orientam aquele que deseja, verdadeiramente ensinar, baseados numa perspectiva libertadora na qual o ensinar/aprender é fruto de um elo existente entre a motivação e a aprendizagem. O papel do professor/educador é muito importante diante da questão da motivação para o aprender/ensinar e que tipo de ensino que se busca.

Conforme SUKIENNIK (1996), ensinar crianças não é apenas uma tarefa objetiva e concreta, ancorada em práticas bem estabelecidas. É antes, vivências e experiência de instruções e trocas recíprocas, cumulativas, que levam ao progresso e enriquecimento nas diferentes etapas evolutivas.

As crianças devem receber um espaço para que possam manifestar suas experiências, fazendo trocas com o professor e seus colegas. O professor deve envolvê-las em atividades que exijam suas participações, para que assim motivem-se pelas aulas. Pode-se afirmar que, muito embora as condições contextuais não sejam favoráveis, o professor que é amante de seu trabalho, pode criar um espaço de liberdade e de ação em sua sala de aula.

Tápia e Garcia - Celay, citados por COLL et al. (1996), ao abordarem o tema Motivação e Aprendizagem Escolar, referem que os educadores que desejam desenvolver o incremento da competência do aluno e a experiência de autonomia e responsabilidade pessoal devem trabalhar para desenvolverem os padrões motivacionais considerando os seguintes aspectos:

- Organização da atividade em grupos, com avaliação dos resultados obtidos pelos grupos, com o fim de facilitar o altruísmo.
- Dentro dos limites irrenunciáveis, dar o máximo de opções possíveis de atuação para facilitar a percepção de autonomia.
- Centrar as mensagens a transmitir antes, durante e depois da tarefa, nos seguintes pontos: antes - orientar a atenção dos sujeitos para o processo de solução, mais do que para o resultado; durante - orientar a atenção dos sujeitos para a busca e comprovação de possíveis meios de superar as dificuldades; depois - informar sobre a correção ou incorreção do resultado, centrando a atenção no processo seguido e no valor do incremento de competência conquistado, se o resultado for um êxito. Facilitar a atribuição dos resultados a causas percebidas como internas, modificáveis e controláveis, especialmente se são fracassos.
- Organizar as avaliações a realizar de modo que os sujeitos se centrem, não em comparar sua execução com a de outros sujeitos, mas nelas e, a partir delas, verem aquela informação que facilite a consecução de novas aprendizagens.
- Facilitar o desenvolvimento da capacidade para auto-regular a própria conduta, durante o processo de aprendizagem, mediante o ensino explícito dos processos de pensamento relevantes.

Num ambiente de cooperação, com o máximo de opções possíveis de atuação, de interações positivas, o esforço e as iniciativas de cada professor, individualmente, terão mais eficácia em função do clima de apoio que cada um representa para seus pares. Um clima motivacional reforçado, principalmente, com a valorização de um ensino orientado para as resoluções dos problemas, mais do que para os resultados finais.

Segundo as idéias de DINKMEYER & DREIKURS (1972), todas as crianças precisam sentir que têm valor, muitos chamam a este sentimento "segurança". O estímulo e valorização dos esforços do aluno na realização de suas tarefas escolares oferecidos pelo mestre, motivam a criança no seu autodesenvolvimento e dão maior oportunidade para alcançar o sucesso do que o fracasso.

A criança encorajada pode não atuar de modo perfeito, mas o fato de sentir-se confiante nos seus esforços, capacita-a a melhorar cada vez mais. Os professores que atuam de modo encorajador, sentem-se iguais a seus educandos e discutem aberta e francamente seus problemas mútuos, provocam mudanças nas atitudes e nos falsos valores das crianças, despertando o interesse e responsabilidade de suas influências no processo.

KARLIM & BERGER (1977) falam que, para que ocorra uma verdadeira aprendizagem, na qual o aluno sinta-se motivado é preciso que o

professor tente sempre relacionar suas aulas à realidade de vida de seus alunos, por que isso os leva a ficar “todos ouvidos” e o mestre deve estar disposto também a aprender com elas e a proporcionar atividades variadas sobre as matérias que está ensinando, fazendo relações entre elas, oportunizando trocas de experiências em que as crianças possam assumir atitudes ativas. O professor deve ser a figura de autoridade, mas demonstrar que os aceita em suas subjetividades e realidades individuais, assim as crianças sentem-se aceitas e seguras.

Para que o professor possa levar seus alunos à motivação de seus ensinamentos é fundamental que ele seja envolvido com o mundo infantil e juvenil e, acima de tudo, conheça em profundidade as fases de desenvolvimento humano e o que envolve as relações interpessoais.

De acordo com LEÃO (1995), é preciso, da parte dos professores, um certo grau de moderação de expectativas em relação aos progressos da criança a fim de não desestimular suas primeiras tentativas e muito menos demonstrar desânimo diante de seus eventuais fracassos. Os pais devem demonstrar interesse pelos assuntos escolares, elogiando o esforço da criança em aprender, porque isso desenvolve a capacidade da criança para a aprendizagem.

O elogio e o interesse dos adultos diante do esforço da criança em realizar uma tarefa impulsionam o aprendiz para o sucesso na aprendizagem. Os professores muito severos e punitivos acabam por desencorajar a independência da criança. A criança muito censurada e exigida acaba perdendo o desejo de competir, sente que jamais poderá corresponder ao nível da exigência dos professores, ou o contrário, recusa a satisfazê-los, adotando, então, atitudes e comportamentos bizarros, extravagantes, como meio de preservar a sua própria identidade.

Observa-se que aprender é uma forma de manipular o desejo de dominar. É necessário um mínimo de agressividade para esse fim. Crianças muito passivas, que tiveram que recolher todo o seu instinto agressivo para atender às expectativas de seus educadores, muitas vezes apresentam um certo retardo na aprendizagem, devido à falta de interesse em investigar, conhecer, já que nisso vai implícita a idéia de punição. É muito importante que a criança possa transmitir a seus professores suas experiências de seu lar, porque isso possibilita absorver as experiências do dia, como também estabelecer o elo entre a escola e o lar. Ter tempo para escutar os alunos é tão importante como qualquer outro aspecto da educação.

As crianças precisam, desde cedo, terem seus espaços para pensar, desenvolver idéias, ter opiniões e crescerem inteiramente. Os adultos devem ajudá-las em suas dificuldades, escutar suas angústias, dar a elas coragem

para transpor seus problemas, fazendo-as acreditarem que são capazes e para que usem essa capacidade em atividades produtivas.

Conforme Guimarães, citado por BORUCHOVITCH & BZUNECK (2001), trabalhos envolvendo interação professor/aluno, confirmam a relevância de se promover em sala de aula um contexto de relação segura, por meio do interesse e disponibilidade a respeito das necessidades e perspectivas dos alunos. Esse autor afirma que alunos seguros em relação a seus pais e professores aceitam de forma positiva seus fracassos, são mais autônomos, mais envolvidos com a aprendizagem e sentem-se melhor a respeito de si mesmos.

Pode-se afirmar que a qualidade da relação professor/ aluno tem uma grande influência nos resultados escolares. O ambiente social em que se configura a sala de aula, as ações do professor devem levar os alunos a despenderem tempo e energia em tarefas e atividades que objetivem um contexto agradável na qual os alunos desenvolvem propósitos, crenças e emoções que resultem numa motivação positiva para o desenvolvimento de aprendizagens significativas.

LEÃO (1995) afirma que uma educação justa é aquela que age com equidade, respeitando os direitos e os valores do outro. Essa educação começa desde o nascimento. Nossos pais são os nossos primeiros mestres, em segundo lugar a escola.

Dessa forma, cabe à escola, como extensão do papel educativo dos pais, saber escolher e reconhecer em cada criança um indivíduo com características próprias e não agir, como ocorre frequentemente, como um verdadeiro rolo compressor, colocando finalidades e objetivos escolares acima das reais possibilidades que cada criança apresenta.

Há, nas escolas, muitas vezes, falta de empatia dos professores em relação aos seus alunos. As crianças servem apenas como depósito de técnicas alternativas e princípios éticos sociais, seus desejos e opiniões não são escutados. A função de uma escola que educa com justiça tem como prioridade ajudar os alunos sair do lugar de incapazes, no qual foram colocados, cumprindo, assim, a função educativa em um ambiente criativo, interessante e ético, que respeita a criança e o jovem como sujeitos na sala de aula, busca desenvolver o “senso crítico” no educando, por meio dos ensaios na rotina no dia a dia da escola, e de sua participação em situações de sala de aula.

DORIN (1978) refere que o professor necessita conhecer muito bem as necessidades e desejos infantis, a fim de poder orientar o desenvolvimento de seus alunos; também, deve conhecer as teorias da aprendizagem para poder ensinar e anular os maus hábitos do educando e necessita conhecer profundamente seus alunos para poder desenvolver neles hábitos saudáveis e traços de personalidade positivos.

Aqui mais uma vez se ressalta a grande importância e necessidade de o professor ter profundo conhecimento das teorias da aprendizagem, do universo infantil e juvenil e do interesse que deve ter em conhecer a história de vida das crianças que estão entregues sob sua responsabilidade no campo das aprendizagens. O professor é uma figura central que contribui para a formação e desenvolvimento global das crianças.

De acordo com as idéias de Hart, citado por DORIN (1978), existem traços que definem o bom professor no seu trabalho didático: explica as ações com clareza, dá exemplos e ajuda os alunos; tem senso de humor, é alegre e feliz; é humano, amigoso, interessa-se pela vida do aluno e procura compreendê-lo; desperta a vontade de trabalhar, impõe respeito; é rigoroso, imparcial, não tem maior predileção por este ou por aquele aluno; não é resmungão, mal-humorado; tem uma personalidade agradável: é paciente, bondoso e simpático; é justo nas notas e promoções, aplicando testes adequados. Reverência: forte sentimento de respeito, no qual o medo é diminuído e a estima é ressaltada.

Esse quadro mostra as qualidades do verdadeiro professor, do mestre que está realmente comprometido com a sua profissão, daquele que buscou o magistério com total envolvimento pessoal, com vontade de colaborar para o bom desenvolvimento de seus alunos, sem levar em conta as dificuldades e problemas que enfrentam no dia a dia.

Hart, citado por DORIN (1978), também expõe os traços do mau professor no seu trabalho didático: mal-humorado, rabugento; não planeja a lição, não a explica bem e não ajuda o aluno; parcial, só chama os prediletos; arrogante, superior, faz que não conhece o aluno fora da escola; intolerante, mesquinho, rigoroso demais; faz provas inadequadas, injusto nas notas; grita muito em aula, não tem consideração pelos sentimentos do aluno; não se interessa pelos alunos, não os compreende; não controla a classe, não sabe manter a disciplina; fala muito de si, conversa demais e toca em muitos assuntos não relacionados com a matéria.

Nota-se que muitas vezes, os professores se enquadram dentro da maioria dessas características com muitas explicações e justificativas como por exemplo: os alunos não querem nada com nada, não recebemos salário digno, temos que entrar em sala de aula para ensinar e não para resolver problema, para isso eles têm os pais, além de muitas outras justificativas que deixam claro que não querem envolvimento.

Percebe-se algumas causas fundamentais das ansiedades sentidas pelo professor, as quais vêm a dificultar o seu trabalho: dificuldades financeiras; problemas econômicos presentes; doenças sérias de parentes e amigos; progresso insatisfatório dos alunos; dificuldades de saúde pessoal; vida de sol-

teiro sem as normais relações familiares; problemas de disciplina; possível perda de posição; trabalho de um curso de faculdade; vida de casado frustrado e infeliz; questões religiosas e trabalho exercido sem a real vocação.

Nesse momento, pode-se perceber a importância do diálogo entre colegas de profissão para que um dê suporte para o outro para que os problemas pessoais mais difíceis que possam por ventura enfrentar, não afetem o bom relacionamento do professor com seus alunos. O fato é que o aluno não pode ser prejudicado por causa das frustrações dos professores.

As atitudes do professor dependem de sua saúde e dos traços mais marcantes de sua personalidade. As suas atitudes podem provocar um desenvolvimento sadio dos alunos ou prejudicá-los, deformando-lhes o caráter. “As sementes hoje plantadas amanhã serão árvores com frutos, saborosos ou não” (DORIN, 1978, p.127).

Aqui, mais uma vez, a referência sobre a prática observada na escola. Professores exigindo determinado comportamento de seus alunos, mostrando atitudes contrárias daquelas pregadas, ex.: os professores reclamam que os alunos não sabem falar, comunicam-se por meio de gritos, no entanto, eles mesmos entram em sala de aula gritando. Não conseguem se dar conta que muitas vezes colaboram para a formação de determinados sintomas da escola.

Conforme MARCHAND (1985), o professor deve evoluir no tempo para se colocar no lugar do jovem que hoje tem diante de si. Se despreza os jovens é porque tem saudades de sua própria juventude, a qual não reencontrará jamais. E diante do adulto que não o compreende, o jovem diz “não” à sua moral e a sua experiência. Aí está um grande fator de perturbação das relações professor aluno e dos problemas de aprendizagem.

De acordo com essas idéias, tem-se muitos exemplos. Professores que trabalham com jovens relatam, com muita naturalidade, que não suportam os jovens de hoje. Não conseguem se colocar no lugar desses alunos para poder compreendê-los melhor. Essas alunos representam aquilo de mais lindo que os professores já perderam: “o brilho e a energia da juventude”. Diante dessa realidade, sentem-se agredidos pelos jovens e acabam os agredindo muitas vezes, sem motivos reais.

Os problemas de relacionamento entre professor e aluno desaparecem à medida que o mestre conseguir descer de seu pedestal e abandonar o seu conforto para caminhar um pouco com seus alunos.

Os problemas de relacionamento entre professor e alunos está basicamente calcado na preocupação do professor em mostrar-se superior, ele sabe e ensina, o aluno não sabe, está ali para aprender. Não conseguem estabelecer em suas aulas momentos agradáveis de troca de experiências.

As aulas ministradas, pela maioria dos mestres, carecem de mais criatividade, de variar técnicas, é o observado quando se ouvem comentários de alunos que estão insatisfeitos com determinados professores.

Conforme MARCHAND (1985), as crianças e os jovens se sentem bem mais próximos quando descobrem no adulto uma espécie de inquietação dos seres que não se julgam perfeitos e que buscam seu caminho com lucidez e simplicidade.

A simplicidade e a idéia de incompletude são qualidades essenciais para todos os envolvidos no processo de “educar”. Assim, o adulto aproximar-se-á das crianças e jovens de forma mais autêntica, desperta neles a autoconfiança e a motivação para aprender e criará neles o espírito desafiador que é tão importante para o desenvolvimento psicológico sadio. É pela confiança e admiração que a criança se identifica com o adulto.

É necessário viver com os alunos partilhando sua vida cotidiana, suas discussões, seus jogos, seus prazeres, para ter a possibilidade de conhecê-los melhor.

Muitos professores são admirados pelos alunos por partilharem experiências com eles, e obtêm excelentes resultados no processo da aprendizagem.

MARCHAND (1985) refere que o educador definir-se-á, não por sua cultura, mas pela personalidade que lhe confere sua existência no interior do “par educativo”. Não terá valor, senão pela qualidade de sua presença, pelo grau de sua “abertura para o aluno”, pela sua capacidade de aceitá-lo em lugar de recusá-lo, de utilizá-lo ou de reduzi-lo à sua própria pessoa.

Além da habilidade e das técnicas pedagógicas de base científica, é fundamental que o educador tenha paixão pela sua tarefa, tome consciência de que é um educador diferente dos outros, diante de uma criança que não se parece com nenhuma outra. Somente com essa condição o educador deixará de se preocupar com a disciplina em sala de aula e passará a olhar o rosto de seus alunos. Assim as crianças sentirão a proximidade daquele mestre que parecia tão distante.

Conforme MACHADO (1997), o ambiente influencia no desenvolvimento humano, a família, a escola e a cultura. O que se passa com determinada criança na escola, não é considerado como um simples sintoma de mecanismos psíquicos, a escola passa a ter um papel a desempenhar no manejo desses alunos, para facilitar seu desenvolvimento de modo geral e sua relação com a cultura especificamente.

O professor precisa valorizar não tanto o talento de seu aluno, mas sim, e principalmente, a luta que há por trás de qualquer realização, por menor que seja. Muitas vezes ao invés dos educadores darem incentivo para os esforços despendidos pelas crianças na realização de alguma tarefa, eles

simplesmente, valorizam apenas o produto final que nem sempre é satisfatório. Então a criança acaba por perder a motivação em melhorar seu desempenho.

Segundo BYINGTON (1996), o ensino dominado pelo poder, torna-se exclusivamente, uma obrigação e exclui a relação amorosa com o saber. Professores podem ensinar e os alunos podem aprender muitas coisas, mas o principal, a relação amorosa com a aprendizagem e a cultura, foi irreparavelmente danificada. Uma atitude de poder sobre o saber, exagerada a ponto de excluir o amor, contamina a relação criativa com saber, podendo, até mesmo, condená-la para sempre ao desinteresse. A participação do professor nessa condenação é um crime contra a relação do aluno com o aprendizado.

Um fator gerador de problema para o aluno é o ensino desvinculado com o saber presente na cultura da criança. Isso é um dos grandes motivos do desinteresse por aprender das crianças e jovens de hoje. A aula ministrada fora do contexto, do mundo da criança, gera apatia, agitação, desinteresse, e, muitas vezes, por esses motivos, as crianças e adolescentes são encaminhadas para tratamento com especialistas, e a aula em si não é analisada. “O problema é sempre o aluno”.

Observa-se que o ensino dominado pelo poder e fora do contexto do aprendiz, parece ser a principal explicação para a aversão a estudar e os problemas de disciplina que estão tomando conta de uma parte cada vez maior das crianças e jovens.

Segundo ROGERS & ROSENBERG (1977), quando o facilitador é uma pessoa verdadeira, é o que é, e se relaciona com o aprendiz sem se revestir de uma fachada, é mais provável que seja eficaz. Significa que ele vem para um encontro direto, pessoal, com o aprendiz, chegando-se a ele numa base de pessoa para pessoa. Significa que ele é ele mesmo, não se negando. Está presente ao educando.

Outro problema que as crianças enfrentam na escola é a falta do professor ser pessoal e humano na sala de aula, fracassando muitas vezes como facilitador da aprendizagem e dos bons relacionamentos interpessoais.

ROGERS & ROSENBERG (1977) referem que vale a pena ser pessoal e humano na sala de aula. Uma atmosfera humana é mais do que algo agradável para todos os que nela se inserem. Promove mais aprendizagens e mais significante. Quando atitude de autenticidade, respeito pelo indivíduo e compreensão do mundo particular do estudante estão presentes, eventos empolgantes acontecem. A recompensa está não apenas em notas, qualidades mais fugidias como um aumento na autoconfiança, uma criatividade maior e mais afeto por outras pessoas. Uma sala de aula como esta, leva a uma aprendizagem positiva, unificada, pela pessoa inteira.

Nesses casos, observa-se o contexto de vida como elemento fundamental da situação, principalmente, a família e a escola. As relações da criança com a sociedade, começam na família. A escola assume uma série de funções que eram, anteriormente, desempenhadas pela família.

Conforme SUKIENNIK (1996), a criança carece de muito afeto e de uma troca com os adultos que vá além da satisfação de suas necessidades fisiológicas. A diminuição desse afeto, dessa troca, empobrece consideravelmente a criança e limita as suas potencialidades de amadurecimento. E hoje, os pais precisam trabalhar cada vez mais, reduzindo o tempo de contato direto com seus filhos. Assim, a criança procura meios indiretos de provocar um contato forte com seus pais.

O problema escolar é uma das mais importantes formas de atrair a atenção dos seus pais. A criança percebe que as suas dificuldades escolares afetam fortemente seus pais e que esse é um meio seguro de obter um contato direto com eles. A criança que se sente insegura e abandonada, recuperará, ao ser repreendida, o seu sentimento de presença e proximidade com os pais.

Segundo SUKIENNIK (1996), a educação da criança e do jovem é o produto de uma troca pessoal com o formador, o professor. Sem o contato pessoal, o aluno perde a motivação e, paulatinamente, desinteressa-se pelo conteúdo das aulas. E também, o aluno deve ter certeza de que o esforço despendido no estudo será recompensado.

O comportamento problemático da criança, pode não ser mais do que a única forma que ela encontrou de manifestar a sua angústia e seu pedido de socorro. Sua revolta traduz sua necessidade de proteção e de limites.

A escola e a família devem ser cúmplices e estarem em constante comunicação para que a maioria das situações difíceis enfrentadas pela escola com os alunos sejam resolvidos sem muita dificuldade por meio da colaboração permanente entre eles. Assim, o jovem ou a criança sentem-se seguros e entendem que a escola e a família estão no comando e têm o controle da situação. Isso também ajuda centrar o aluno em seus estudos.

O professor assume uma função de cuidar, orientar, ensinar, mas precisa saber também que ele representa para seus alunos o espelho em que estes buscam uma imagem que servirá para identificações que promoverão a formação de personalidades, por isso, a importância do modelo equilibrado, verdadeiro que deve ser o mestre.

WEIL (2001) refere que o professor deve ser uma pessoa muito equilibrada que mantém atitudes ao mesmo tempo meigas e firmes, ele deve ser exigente quando se trata de acabar a tarefa iniciada, tolerante diante de inaptidões e incapacidades, deve poder obter de cada aluno o máximo de esforço, estimular ao máximo, evitando confrontos e castigos. A arte de ensinar é,

antes de tudo, a arte de interessar os alunos a assimilar os assuntos. Há vários meios de ensinar os alunos a aprender, de motivá-los: partindo dos interesses do grupo ou do aluno para chegar ao assunto tratado; tornar os alunos conscientes do seu próprio progresso, construindo curvas das notas números dos assuntos registrados, pois desse modo, os alunos comparam-se consigo mesmo e não mais com os outros, pois é o desejo de melhorar a sua própria capacidade que entra em jogo.

A proclamação de vitórias a curto prazo é fator primordial na manutenção da motivação para o aprendizado, isto vale tanto para adultos como para crianças. É preciso demonstrar os progressos alcançados, pois o conhecimento dos próprios resultados é motivante.

De acordo com WEIL (2001), o verdadeiro educador é aquele que sabe falar no momento oportuno, para orientar um trabalho em curso ou mesmo para dar uma aula, mas que sabe também calar para ouvir o aluno falar ou deixar os alunos debaterem um assunto de interesse coletivo. Isso desenvolve no aluno o senso de responsabilidade e de controle sobre si, obtendo rendimento máximo em sala de aula.

O educador que ensina com a real intenção de desenvolver a autonomia da criança, precisa aprender a considerar os pontos de vistas de seus alunos sobre os assuntos desenvolvidos em aula. O respeito mútuo é essencial para o desenvolvimento da autonomia da criança. A criança que se sente respeitada em sua maneira de pensar, sentir e criar, é capaz de respeitar a maneira como os adultos pensam e sentem.

As crianças, que são desencorajadas de pensar de forma autônoma, construirão menos conhecimentos do que aquelas que são mentalmente ativas e autoconfiantes. A criança precisa ser mais envolvida dinamicamente no processo ensinar/ aprender para sentir-se colaboradora pelo seu desenvolvimento e rendimento escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado mostrou que o ser humano nasce com uma base orgânica pronta, mas que depende de um ambiente rico de possibilidades para que ele, interagindo com seu meio, possa desenvolver-se durante toda a sua vida.

Entretanto, o desenvolvimento humano em seus diversos sentidos, necessita ser estimulado continuamente, exige esforço e dedicação para que seja plenamente alcançado. Todo o esforço humano é dirigido a objetivos previamente definidos. Neste contexto, a motivação surge como a fonte propulsora de todas as ações empreendidas em direção aos objetivos.

O processo de aprendizagem não foge a essa regra, ao contrário, depende fundamentalmente da motivação para ser totalmente eficaz. É preciso,

pois, despertar nos alunos o desejo e a necessidade de aprender para que eles possam estimular-se na busca do saber.

Nesse contexto, o educador exerce uma função de fundamental importância, à medida que é o principal agente no processo ensino-aprendizagem. É preciso que ele conheça a realidade do discente, sua cultura, relações familiares, enfim, o meio ambiente no qual o aluno está inserido, respeitando seus pensamentos, suas verdades e aptidões ao propor seu plano de ação pedagógico.

No relacionamento aluno/professor, é preciso afastar todo o autoritarismo, arrogância, que caracteriza o ensino dominado pelo poder, o qual leva a frustrações, desmotiva o aluno pelos assuntos propostos, e esta é a causa principal do fracasso escolar.

É preciso que os educadores compreendam os mecanismos ligados à motivação do aluno, conheçam as diversas técnicas aplicáveis, utilizem-nas com flexibilidade e criatividade, contornem situações imprevisíveis em sala de aula, evitem ocorrências negativas, tais como o tédio, a apatia e a ansiedade, desenvolvendo motivação positiva da classe como um todo.

Antes de mais nada, é preciso que aquele que educa esteja motivado, até mesmo quando o contexto social não lhe é favorável. É necessário que a criatividade supere obstáculos e que o interesse do professor leve a um clima motivacional, reforçando, principalmente, a valorização de um ensino orientado para as resoluções dos problemas, mais do que para os resultados finais, pois o fato de ser aceito em seus esforços, leva o aluno a adquirir coragem de continuar a busca de seu autodesenvolvimento, recebendo maior oportunidade para alcançar o sucesso, ao invés do fracasso.

Portanto, pode-se afirmar que o processo ensinar/aprender é fruto de um elo existente entre a motivação e a aprendizagem. O ambiente social em que se configura a sala de aula, as ações do professor devem propiciar ao aprendiz confiança em suas participações efetivas, nas tarefas e atividades, dentro de um contexto agradável de aceitação do aluno como um todo, no qual ele pode mostrar seus propósitos, crenças e emoções, que resultem numa motivação positiva para o desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Aluno motivado é aluno que aprende, adquire saber para sua vida, insere-se num ambiente no qual o conhecimento é a principal riqueza e o capital intelectual prevalece sobre bens materiais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo.( Org.). 2001. **A motivação do aluno**. Petrópolis: Editora Vozes.
- BROPHY, J. 1987. **Synthesis of Reseach on strate gies motivating students to learn**. Educational Leadership. October.
- BYINGTON, Carlos Amadeu. 1996. **Psicologia simbólica, a construção amorosa do conhecimento de ser**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- CAMPOS. Dinah Martins de Souza. 1973. **Psicologia da aprendizagem**. 20.ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro. 1996. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas.
- DINKMEYER, Don; DREIKURS, Rodolf. 1972. **Encorajando crianças a aprender**. São Paulo: Melhoramentos.
- DORIN, Lannoy. 1981. **Psicologia da adolescência**. 5. ed. São Paulo: Editora do Brasil S.A.
- \_\_\_\_\_ 1978. **Psicologia educacional**. São Paulo: Editora do Brasil S.A.
- KAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. 1988. **Psicologia e epistemologia genética de Jean Piaget**. São Paulo: E. P. U.
- KARLIN, Muriel S. & BERGER, Regina. 1977. **Como lidar com o aluno problema**. Belo Horizonte: Interlivros.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. 1991. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- LEÃO, Sônia Carneiro. 1995. **Temas de psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago.
- MACHADO, Adriana Marcondes. ( Org.). 1997. **Psicologia escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MAGER, Robert, F. 1979. **Atitudes favoráveis ao ensino**. Porto Alegre: Editora Globo.
- MARCHAND, Max. 1985. **A afetividade do educador**. São Paulo: Sumus.
- ROGERS, Carl; ROSEMBERG, Rachel. 1977. **A pessoa como centro**. São Paulo: E.P.U.

SUKIENNIK, Paulo Berel. 1996. **O Aluno-problema. Transtornos emocionais de crianças e adolescentes.** Porto Alegre: Mercado Aberto.

TIBA, Içamy. 1988. **Ensinar aprendendo.** São Paulo: Editora Gente.

WEIL, Pierre. 2001. **A Criança, o lar e a escola.** 22ª. Ed. Petrópolis: Editora Vozes.